



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10383 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

TESE I DE WALTER BENJAMIN E A LEITURA DE PAULO FREIRE NA  
PERSPECTIVA ANTIFETICHISTA

Allan da Silva Coelho - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

### TESE I DE WALTER BENJAMIN E A LEITURA DE PAULO FREIRE NA PERSPECTIVA ANTIFETICHISTA.

**Resumo:** A partir da Tese I de Benjamin em “Sobre o Conceito de História” em sua relação com o fragmento “Capitalismo como Religião”, propomos uma perspectiva para a Filosofia da Educação que dialoga com certa tradição que articulou marxismo e teologia como crítica do capitalismo na América Latina. Neste contexto, a “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, pode ser relida em seus aspectos de visão social de mundo antifetichista. Para isso, mobiliza o quadro categorial de Michael Löwy e a metodologia de Lucien Goldmann como instrumental para uma teoria crítica da Educação desta tradição.

**Palavras-chave:** Fetichismo; Pedagogia do Oprimido; Cristianismo da Libertação.

#### Introdução

O fragmento de Walter Benjamin conhecido como “Capitalismo como Religião” completa seu centenário. Foi somente no final dos anos 1980 que o texto passou a ser conhecido. Desde então, articula-se um campo de estudos interdisciplinar que considera a hipótese da relação entre o capitalismo e a religião, apesar de seu aparente contrassenso no mundo moderno com autocompreensão desencantada e secular.

Tanto as relações entre sistemas econômicos e concepções religiosas, quanto o próprio rascunho de Benjamin, podem ser interpretados de diferentes maneiras. Neste estudo compartilhamos a perspectiva de Michael Löwy, tendo como referência a Tese I, de Benjamin, em “Sobre o Conceito de História” (BENJAMIN, 1994). Nesta tese, na alegoria do anão e do boneco autômato, podemos compreender uma metodologia filosófica, destoante das leituras majoritárias da relação entre marxismo e teologia. A partir desta abordagem do texto centenário, configura-se o campo de estudos do “capitalismo como religião”.

O contexto é uma conjunção de crises ecológica, econômica, sanitária e social. A ideologia neoliberal realiza ampla ofensiva sobre a totalidade da vida social e, também, sobre a educação. Por isso, a Filosofia da Educação pode colaborar como instrumento para compreender e resistir frente a essa profunda transformação de vida humana. Para tal,

revisitamos certa tradição do pensamento crítico latino-americano no qual se insere a teoria de Paulo Freire, e a partir da qual procuramos renovar a leitura do livro “Pedagogia do Oprimido” (2014), interpretado a partir da chave de leitura da Tese I.

A partir desta Tese, na crítica do capitalismo como religião, procuramos na obra “Pedagogia do Oprimido” elementos característicos de uma educação antifetichista. Para isso, em três momentos, propomos: indicar a construção conceitual desta abordagem a partir de uma tradição interpretativa de Walter Benjamin; em seguida, expressar como essa elaboração teórica permite compreender um setor do pensamento crítico na América Latina no qual incluímos Freire; e, por fim, apresentar elementos já assinalados como possíveis características de uma educação antifetichista.

Utilizamos o método dialético marxista na tradição de L. Goldmann, a partir dos trabalhos de M. Löwy. Compreendemos que o texto filosófico, como produto cultural, e seu autor podem ser interpretados como expressão de uma visão social de mundo, relacionada a uma classe ou grupo social. Possuem afinidades eletivas entre configurações culturais e a reprodução econômica da vida concreta. Neste caso, a revisita à “Pedagogia do Oprimido” é compreendida a partir das categorias do cristianismo de libertação (LÖWY, 2016). Trata-se de um esforço de renovar essa tradição, com o aporte da Filosofia da Educação.

## **Desenvolvimento**

No fragmento de 1921, Benjamin propõe ir além das teses de Weber sobre a relação do capitalismo e o cristianismo e propõe a relação parasitária do sistema econômico no religioso. Indica os elementos que considera característicos da “religião capitalista” e apresenta um certo plano de estudos, incluindo as alternativas ao capitalismo e reflexões sobre a conversão. Mesmo que o texto ainda tenha seja crítico do marxismo, apresenta elementos que permanecem na obra do autor. Um exemplo é a categoria da “iluminação religiosa” como uma possibilidade de crítica radical, como presente no texto sobre o Surrealismo (1929). O contexto é a crítica às estruturas ideológicas do capitalismo. Seu uso expressa uma afinidade entre compreensão estética e religiosa, bem como do capitalismo e os iluminismos modernos.

Considera o surrealismo como importante forma de compreensão do mundo capitalista, repleto de radicalidade, sendo uma das últimas formas de “inteligência europeia” com discernimento que permite passar do estado de análise e contemplação para uma atitude revolucionária. Para Benjamin, algumas opções de radicalidade são resultadas de um processo de “iluminação”, característico das experiências religiosas com potencial de mobilizar para a “experiência revolucionária” (BENJAMIN, 1994, p.25). Analisando a estética surrealista, ele afirma:

São experiências que aqui estão em jogo, não teorias, e muito menos fantasmas. E estas experiências não se limitam de modo algum ao sonho, ao haxixe e ao ópio. (...) Lenin chamou a religião de ópio do povo, aproximando assim essas duas esferas muito mais do que agradaria aos surrealistas. (...) Porém a superação autêntica e criadora da iluminação religiosa não se dá através do narcótico. Ela se dá numa iluminação profana, de inspiração materialista e antropológica, à qual podem servir de propedêutica o haxixe, o ópio e outras drogas. (Mas com grandes riscos: e a propedêutica da religião é a mais rigorosa.) (BENJAMIN, 1994, p.23).

Reproduz a epígrafe da “religião como ópio do povo”, bem estudada por Löwy (2016),

mas em outro contexto, diferente do tradicional, não se referindo à religião como narcótico alienante, mas aproximando a experiência da ilusão do narcótico com as expectativas religiosas, como rupturas com a alienação da vida reificada, além de, também, uma compreensão estética surrealista da realidade burguesa. A experiência religiosa não é superada “autenticamente” pela ilusão do narcótico, mas pela experiência baseada no princípio materialista e numa opção antropológica. Esta superação da experiência religiosa por uma “iluminação” mais autêntica que é baseada no princípio materialista e numa opção antropológica pode se relacionar com a Tese I. Nessa Tese, Benjamin propõe:

Conhecemos a história de um autômato construído de tal modo que podia responder a cada lance de um jogador de xadrez com um contralance, que lhe assegurava a vitória. Um fantoche vestido à turca, com um narguilé na boca, sentava-se diante do tabuleiro, coloca-o numa grande mesa. Um sistema de espelhos criava a ilusão de que a mesa era totalmente visível, em todos os seus pormenores. Na realidade, um anão corcunda se escondia nela, um mestre no xadrez, que dirigia com cordéis a mão do fantoche. Podemos imaginar uma contrapartida filosófica desse mecanismo. O fantoche chamado “materialismo histórico” ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia. Hoje, ela é reconhecidamente pequena e feia e não ousa mostrar-se. (BENJAMIN, 1994, 222)

Nesse resumo, não nos detemos na análise da tese, amplamente discutida (por exemplo, Löwy, 2005; Mate, 2011). Indicamos sua aplicação no pensamento crítico latino-americano, nosso tema, e possíveis consequências para a leitura da “Pedagogia do Oprimido”, nosso recorte e objetivo.

Franz Hinkelammert, no esforço de interpretação da tese, defende que se o fantoche articulado com a teologia é o materialismo histórico, o próprio materialismo histórico precisa ser compreendido a partir da iluminação profana, cuja propedêutica é a religiosa, associada à opção antropológica. Para ele, o que Benjamin chama de materialismo histórico seria a “ética do sujeito”:

Esta ética del sujeto es a la vez necesariamente la referencia de cualquier discernimiento de los dioses. Es el criterio que el Prometeo de Marx establece: la sentencia en contra de todos los dioses del cielo y de la tierra, que no reconocen la autoconciencia humana (el ser humano conciente de sí mismo) como la divinidad suprema. Al lado de ella no habrá otro Dios... (HINKELAMMERT, 2005, p.31).

Esta aposta antropológica é a absolutização do valor da vida humana frente a qualquer instituição, lei, projeto, ou qualquer Deus. Nesta tradição, haveria uma afinidade entre os fundamentos da teoria marxista e o discernimento de deuses como crítica do fetichismo. Hinkelammert identifica na opção antropológica o fator de articulação entre Marx, Benjamin e a teologia. Esse tema desaparece, ao menos desse modo, na obra posterior de Marx. Porém, poderia ser compreendido como uma etapa anterior da formulação da crítica do fetichismo e seus meandros teológicos, como expresso em “O Capital”. Essa tradição, mediada pelo conceito de fetichismo e de idolatria, é uma característica do pensamento crítico desenvolvido pelo que Löwy (2016) denominou cristianismo de libertação.

Reler a “Pedagogia do Oprimido” nesta tradição tem como pressuposto os estudos que procuram evidenciar a relação de Freire com esse setor do cristianismo de libertação. Assim, renova a abordagem filosófica de sua obra de referência a partir da junção explosiva entre um tipo de marxismo e um tipo de teologia, que nos permitam entendê-la como uma pedagogia elaborada na tradição da crítica ao fetichismo, com atualidade.

Paulo Freire contextualizou seu trabalho na “dramaticidade da hora atual” em que a humanidade desafiada, descobre-se como problema, a refletir e buscar respostas para transformar a realidade a partir de suas contradições. Ele discutia o final dos anos 60, em que rebeliões se espalhavam mundo afora para contestar uma ordem mundial que Freire caracterizou pela “cultura de consumo” (FREIRE, 2014, p.39) e amplos movimentos sociais se empenhavam em construir modelos alternativos ao sistema social, nos quais expressava claramente o problema da humanização: apesar da vocação ontológica a ser mais, ser gente, as pessoas têm, na realidade histórica de desumanização, a sua humanidade roubada.

A dramaticidade da hora atual nos interpela. Além da contradição entre a vocação a ser mais e a vida cotidiana de exploração e negação da dignidade humana, precisamos indicar outras duas contradições associadas que dificultam encontrar uma saída para este drama. Se por um lado cada vez mais pessoas estão insatisfeitas com a vida que se tem, por outro lado, ao invés de interromper o sistema que desumaniza, as pessoas tentam com todas as forças se integrar ao sistema a partir dos seus critérios de sucesso, de reconhecimento e de felicidade almejada pelo consumo de mercadorias, tendo o opressor como sua referência de humanidade. Esta contradição, que reforça o sistema social ao invés de questioná-lo, leva ao aumento exponencial da auto-exploração com o objetivo de se conquistar, no mercado, a “vida digna” que se deseja, como sinal de mérito. Isso se dá porque, segundo Paulo Freire (2014), o modelo de ser mais, de humanidade que todos nós temos, ainda é o opressor.

Desse modo, desenha-se um modelo antropológico em que o brilho das mercadorias gesta um fascínio que seduz e mobiliza, organizando os sentidos da vida das pessoas dentro do mercado. Na cultura de consumo, a posse de bens e mercadorias, oferece a promessa de prazer e felicidade, de realização humana, mas, no entanto, distribui generosamente frustração e repressão, convertendo sua promessa em agressividade e maior exploração. Esse fascínio tem o poder de convocar para uma competição infinita, na qual a maior parte das pessoas humanas não se sente realizada jamais. Trata-se de um estilo de vida na qual a lógica econômica de produção e consumo de mercadorias torna-se seu fundamento cultural, em que a objetificação das pessoas (reificação) e a personificação e/ou divinização das coisas (fetichismo) são levados ao extremo na vida cotidiana.

Se entendemos um processo educativo como mudança de modelos de humanidade, estamos pensando nas maneiras de gestar algo mais profundo que é um outro sentido para a vida como maneira de ler o mundo. Para isso, é necessário negar a antropologia do mercado, a mercantilização da dignidade humana e a liberdade pelo consumo. Frente à aura religiosa do capitalismo, é necessário escolher: ou aderir ou ser ateu de seus fundamentos fetichistas. Um itinerário pedagógico que seja capaz de conduzir a outro tipo de modelos de desejo fundamentais, inclui a aposta da realização humana em outro testemunho. Somente com “profundo amor ao mundo e aos homens” (FREIRE, 2014, p.110) é possível a criação e recriação da realidade.

### **Considerações finais**

O fetichismo mobiliza mecanismos subjetivos de dominação gestando o consentimento e cooperação de parte da população em seu estilo de vida. O mal não é simples vazio do pensar ou ausência de sentido, mas é realização de um sentido em uma racionalidade com capacidade de mobilizar vontades. É preciso desmascarar o ídolo-fetichismo que move o sistema capitalista, uma ordem social que nem sempre utiliza de linguagem religiosa explícita. Na tradição da crítica do “capitalismo como religião”, essa crítica é um processo de discernimento de deuses, que estão em luta permanente.

Tal tradição supõe uma metodologia que na América Latina permitiu a experiência

história da Tese I benjaminiana, aquela que propõe a aliança entre o boneco e o anão, isso é, o materialismo histórico e a teologia. Proponho que esta tradição permite compreender todo o potencial crítico da pedagogia de Paulo Freire. Um itinerário pedagógico antifetichista denuncia os critérios tacitamente aceitos de “normalidade da vida”, que direcionam o modo de ser humano, bem como reflete com profundidade os modelos de desejo que, a partir da subjetividade, formam convicções, apostas e orientam os testemunhos de humanidade. Penso que tal itinerário pode dialogar com proximidade das contribuições de Paulo Freire e partir da realidade de rebelião das vítimas, seja no reconhecimento do outro vitimado, seja a partir da revelação que nos vem do testemunho de quem luta por justiça.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, 7ª ed.

BENJAMIN, W. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 56ª ed., 2014.

HINKELAMMERT, F. J. Prometeo: discernimiento de los deuses y la ética del sujeto. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, Maracaibo: Universidad del Zulia, out/dez 2005, vol.10, n.31, p.09-36.

HIKELAMMERT, F. *Hacia una crítica de la razón mítica*. La Paz: Driada, 2008.

LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2005.

LÖWY, M. *O que é o cristianismo de libertação*. S. Paulo: Perseu Abramo/Exp. Popular, 2016.

MATE, R. *Meia-noite na história*. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

SUNG, J. M. *Educar para reencantar a vida: Pedagogia e Espiritualidade*. 3ª ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2012.